

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ANA LUCIA FABRI ONESKO

“O LIVRE-ARBÍTRIO” DE SANTO AGOSTINHO: “A CAUSA DO PECADO - O
ABUSO DA VONTADE LIVRE” EM SALA DE AULA

PRUDENTÓPOLIS

2018

ANA LUCIA FABRI ONESKO

“O LIVRE-ARBÍTRIO” DE SANTO AGOSTINHO: “A CAUSA DO PECADO - O
ABUSO DA VONTADE LIVRE” EM SALA DE AULA

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Filosofia no Ensino Médio, do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFPR, como requisito parcial à obtenção do grau de especialista.

Orientador: Prof. Ms. Eduardo Seino Wiwiurka.

PRUDENTÓPOLIS

2018

RESUMO

Este estudo apresenta uma proposta de trabalho com o texto de Santo Agostinho “O livre-arbítrio”: “A causa do pecado – O abuso da vontade livre” na aula de Filosofia do Ensino Médio. O estudo está centrado na leitura, interpretação e reflexão sobre o texto apresentado. Nesta obra, Santo Agostinho afirma que o livre-arbítrio é um Dom de Deus, conferido ao homem, permitindo-o agir livremente segundo a sua vontade. É a utilização consciente da liberdade, guiada pela vontade. Ele torna-se causa do mal, por meio dos que o recebem, pois estes não o usam devidamente. A reflexão sobre este tema, posteriormente discutida, conduzirá o aluno a questionar-se sobre o livre-arbítrio, sobre sua “liberdade de escolha”, se a possui de fato e como essa “liberdade” pode influenciar em sua vida, assim como em tudo o que é realizado pelo homem na sociedade, inclusive na escolha das crenças de cada indivíduo. A proposta de trabalho contempla o uso de dados biográficos do autor e a contextualização da obra, bem como a leitura do texto clássico do filósofo, orientada por um roteiro de leitura, preparado para auxiliar no entendimento do texto. Textos auxiliares também serão disponibilizados para o trabalho, contendo letras de músicas que tratam do assunto e são do gosto da maioria dos jovens. A discussão sobre o livre-arbítrio, realizada na etapa final, será direcionada para a reflexão sobre questões como as influências midiáticas nas “escolhas” de cada indivíduo e a opção por uma vida consumista, sem respeito à natureza e às questões ambientais. Após esta sequência de atividades, espera-se que o jovem seja capaz de propor formas de intervenções sociais positivas e que passe a agir de forma mais consciente e ativa em relação aos problemas sociais.

Palavras-chave: Santo Agostinho. Livre-arbítrio. Bem e Mal.

ABSTRACT

This study presents a work proposal in Philosophy class of High School with Saint Augustine's "Free will". The research is centered on reading, interpretation and reflection on the book quoted. In this work, St. Augustine affirms that free will is a gift of God conferred on man, allowing him to act freely according to his will. It is the conscious use of freedom, guided by the will. That becomes the cause of evil through those who receive it, for they do not use it properly. Reflection on this theme, discussed later, will lead the student to question about free will, about his "freedom of choice," whether he actually has it, and how that "freedom" can influence his life, as well as all that is realized by the man in the society, including in the choice of the beliefs of each individual. The work proposal includes the use of biographical data of the author and the contextualization of the work, as well as reading the classic text of the philosopher, guided by a reading script, prepared to assist in understanding the text. Auxiliary texts will also be made available for the work, containing lyrics of songs that deal with the subject and are liked by most of the young people. The discussion on free will, held in the final stage, will be directed towards reflection on issues such as media influences on the "choices" of each individual and the choice for a consumer life, without regard to nature and environmental issues. After this sequence of activities, is expected that the youth will be able to propose positive social interventions and to act more consciously and actively in relation to social problems.

Keywords: Saint Augustine; Free will; Good and bad.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	5
2. SANTO AGOSTINHO	7
2.1 VIDA E OBRA.....	7
2.2 O CONCEITO DE LIVRE-ARBÍTRIO EM SANTO AGOSTINHO.....	11
3. PROPOSTA DE TRABALHO COM O TEXTO “O LIVRE-ARBÍTRIO: A CAUSA DO PECADO - O ABUSO DA VONTADE LIVRE”	17
3.1 INTRODUZINDO A DISCUSSÃO SOBRE “O LIVRE-ARBÍTRIO”.....	17
3.2 O CONTATO COM O TEXTO CLÁSSICO.....	18
3.3 O ROTEIRO DE LEITURA.....	20
3.4 O USO DE TEXTOS AUXILIARES.....	21
3.5 A REFLEXÃO SOBRE A LIBERDADE DE ESCOLHA E SUAS CONSEQUÊNCIAS PARA A SOCIEDADE.....	25
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS	29

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho, a proposta estará centrada na leitura, interpretação e reflexão do texto de Santo Agostinho “O livre-arbítrio”: “A causa do pecado – O abuso da vontade livre”, aplicada ao ensino de Filosofia no Ensino Médio.

O objetivo do contato com o texto de Santo Agostinho é, além de proporcionar um enriquecimento cultural e linguístico, proporcionar o envolvimento com o tema abordado: o livre-arbítrio, ou seja, a liberdade de escolha e como essa liberdade pode influenciar em tudo o que é realizado pelo homem na sociedade, inclusive na escolha das crenças de cada ser.

Para Agostinho, o livre-arbítrio é um Dom de Deus, conferido ao homem, permitindo-o agir livremente segundo a sua vontade. É a utilização consciente da liberdade, guiada pela vontade. Ele torna-se causa do mal, por meio dos que o recebem, pois estes não o usam devidamente. Essa concepção de Santo Agostinho será abordada no primeiro capítulo, após uma exposição biográfica da vida do autor.

Sobre “O livre-arbítrio” será realizado um levantamento bibliográfico, com base em alguns autores que dedicaram seus estudos a obra deste filósofo, como Costa (2007), que apresenta o livre-arbítrio como causa do mal e do bem e investiga se Deus deveria realmente ter concedido este poder ao homem; e Coutinho (2010), que demonstra o esclarecimento do Bispo de Hipona de que toda natureza é um bem, uma vez que procede de Deus e que o mal, não compreendido entre os seres criados é o responsável pela corrupção humana.

No segundo capítulo, apresentaremos a proposta de trabalho com o texto de Santo Agostinho, que terá início por uma conversa com os jovens sobre o conceito de liberdade que eles têm e como acreditam que esse poder de escolha é capaz de influenciar em suas vidas, ressaltando que este tema será retomado após a leitura do texto base.

Na sequência, será proposto o contato com o texto filosófico clássico, seguido de um roteiro de leitura e sugestão do uso de textos auxiliares, para contribuir para o processo de entendimento do conceito e para conduzir a reflexão sobre a liberdade de escolha do indivíduo e suas consequências na sociedade.

Também será sugerida a exibição de cenas de filmes específicos sobre a vida de Agostinho e sobre o tema do livre-arbítrio associado à crença na existência de Deus, em momentos indicados na programação da aula, a fim de contextualizar a

discussão também à época em que os conceitos foram elaborados e demonstrar como as ideias desse autor se relacionam entre si, mencionando detalhes da biografia do autor, à medida que se fizerem necessários para apreensão de sua teoria.

Depois de lidos o texto base e os textos de apoio, será retomada a discussão sobre o livre-arbítrio, momento em que os alunos já terão compreendido melhor o conceito e estarão aptos a aplicá-lo em sua realidade, avaliando sua influência naquilo que realizam cotidianamente, estabelecendo um reflexo deste poder de escolha na relação de causa e consequência de seus atos e até onde podem escolher de fato.

O objetivo da proposta deste trabalho não será buscar uma forma de converter os alunos a acreditar ou não na existência de Deus, pois a discussão proposta tem valor independente da fé dos jovens e do professor.

Por meio da associação entre o tema da liberdade de escolha e a ideia da crença na existência de Deus, será possível fazê-los compreender que poder escolher utilizando-se do livre-arbítrio implica também em escolher em que acreditar, em como pensar diante do mundo, em acreditar ou não na existência de um ser superior que já conhece previamente todas as “escolhas” a serem realizadas por cada um durante toda a sua vida.

A última parte deste estudo será composta pelas considerações finais acerca da proposta de trabalho e das expectativas em relação a sua aplicação.

2 SANTO AGOSTINHO

2.1 VIDA E OBRA

Santo Agostinho, também conhecido como Agostinho de Hipona (*Aurelius Augustinus Hipponensis*), nasceu no município de Tagaste, na cidade da Numídia (atual Argélia), na região norte da África, em 13 de novembro de 354¹.

Sua mãe, chamada Mônica, era uma cristã devota e seu pai, de nome Patrício, era pagão, mas converteu-se ao cristianismo no leito de morte. Durante sua infância permaneceu, principalmente, em sua cidade natal, um pequeno povoado isolado entre montanhas.

Com onze anos, foi enviado para uma escola em Madamaudaro, onde aprendeu literatura latina e as práticas e crenças pagãs. Foi ali também, em meados de 370, que leu o diálogo perdido de Cícero, "Hortêncio", que o próprio Agostinho aponta como sendo fundamental para despertar seu interesse nos estudos filosóficos. Estudou, também, música, física e matemática.

Aos dezessete, mudou-se para Cartago, a fim de estudar retórica. Passou a seguir o maniqueísmo, contra o desejo de sua mãe. Dois anos mais tarde, começou um romance com uma jovem cartaginense, com quem se manteve em concubinato por mais de treze anos. Com ela teve um filho, Adeodato.

Durante um período Agostinho trabalhou como professor de retórica para servir na corte imperial em Mediolano (Milão). Com trinta anos de idade, já tinha alcançado a mais almejada de todas as posições acadêmicas do mundo latino. Neste período, embora demonstrasse interesse pelo maniqueísmo, continuou no nível mais baixo da hierarquia da seita.

Posteriormente, afastou-se completamente do maniqueísmo e encontrou o ceticismo, mesmo com sua mãe pressionando para a conversão ao cristianismo.

Em Mediolano, foi-lhe arranjado um casamento e, por este motivo, ele afastou-se de sua concubina. Existem evidências de que Agostinho tinha seu relacionamento como uma forma de matrimônio, embora não tenha sido validado perante a lei. Em sua obra "Confissões", o autor admitiu que separar-se diminuiu

¹ Retirado de: AGOSTINHO, Sto. **Confissões**. In: Col. *Os Pensadores*. Volume Santo Agostinho. Editora Abril Cultural, São Paulo. Terceira Edição, 1996.

gradualmente sua sensibilidade à dor. Mais tarde, ele encerrou o noivado com sua noiva arranjada, mas não se envolveu em nenhum outro relacionamento. O filósofo entendeu que jamais poderia viver no amor a sabedoria se contraísse o matrimônio.

Em 386, após ouvir a história da vida de Santo Antão do Deserto, Agostinho se converteu. Ele relata que sua conversão foi direcionada por uma voz infantil que ouviu pedindo-lhe para "tomar e ler" (em latim: *tolle, lege*), o que compreendeu como sendo um pedido de Deus para abrir a Bíblia. Agostinho abriu na Epístola aos Romanos, nos capítulos 12 ao 15, e leu: "Andemos honestamente como de dia, não em orgias e bebedices, não em impudicícias e dissoluções, não em contendas e ciúmes; mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo, e não vos preocupeis com a carne para não excitardes as suas cobiças.". (AGOSTINHO, 1996).

Influenciado por Santo Ambrósio, decidiu finalmente pela conversão ao Cristianismo. Agostinho e seu filho Adeodato foram batizados na Vigília da Páscoa de 387 em Mediolano. Em 388, a família decidiu voltar para a África, mas sua mãe, Mônica, faleceu quando se preparava para embarcar.

Ao chegar na África, viviam na alta sociedade pelos rendimentos com as grandes propriedades da família na região. Um tempo depois, Adeotato também faleceu e Agostinho, muito triste, vendeu todo seu patrimônio e deu o dinheiro aos pobres, deixando apenas a casa da família, onde, ao lado de amigos, funda o primeiro mosteiro agostiniano.

No ano de 391, foi ordenado sacerdote em Hipona e logo se transformou num pregador muito conhecido, sendo autor de mais de 350 sermões. Em 395, foi nomeado Bispo Auxiliar de Hipona e, logo em seguida, assumiu o trono episcopal, razão pela qual ficou conhecido como "Agostinho de Hipona", posto que manteve até sua morte em 28 de agosto de 430.

Agostinho, preocupado em defender-se do maniqueísmo, iniciou sua obra "O livre-arbítrio" em 388, mas concluiu apenas entre 394 e 395, quando foi ordenado Padre em Hipona. No ano de 396, enviou uma carta ao amigo Paulino, Bispo de Nola, junta da qual enviou um exemplar dos três livros de "O livre-arbítrio" recém-terminado.

A obra, escrita de forma dialogada, é em sua maioria um relato dos diálogos de Agostinho e seu amigo Evódio. Evódio era seu conterrâneo e conheceu o filósofo depois de já formado, após um início de carreira militar, dedicava-se às Letras. Foi batizado antes de Agostinho e esteve junto dele depois da morte de sua mãe. Em

Tagaste fez parte da comunidade dos monges e em 396 tornou-se Bispo de Upsala, na África. (AGOSTINHO, 1996).

Nesta obra, um de seus mais importantes trabalhos, que trata do problema da liberdade humana e da origem do mal moral, o Bispo de Hipona usa seu próprio método para aproximar-se dos problemas levantados. Do problema da livre vontade ele aproxima-se com o problema do conhecimento. Ele pergunta-se: “Como eu sei que sou livre?”. O importante, nesta forma de conduzir as reflexões é a subjetividade, não uma pretensa objetividade. Esse conhecimento subjetivo é epistemologicamente essencial. (AGOSTINHO, 1996).

Entre os anos de 397 e 398, Santo Agostinho escreve “Confissões”, obra na qual descreve sua juventude e conversão, revelando os caminhos da fé frente às angústias do mundo. Trata-se de uma autobiografia, que retrata sua vida pecaminosa em busca da “verdade”, revelando seu pensamento filosófico. Cria, então, a ideia de que o espaço interior é o campo da verdade essencial do indivíduo, pois, segundo ele, a verdade e Deus precisam ser buscados na alma, e não no mundo externo.

Em 413 inicia “A Cidade de Deus”, obra produzida a fim de defender o cristianismo e de consolar os cristãos após Roma ser saqueada pelos bárbaros visigodos, no ano de 410. Nesta produção, além de reafirmar a verdade do cristianismo, o filósofo suscita a reflexão do sentido profundo da história. De acordo com ele, a cidade de Deus e a dos homens existem simultaneamente, sendo que a primeira, antes representada por Jerusalém, é agora a comunidade dos cristãos; e a cidade dos homens tem poderes políticos e moral própria. Ambas permanecerão até o fim dos tempos, mas a cidade de Deus triunfará para a eternidade. (AGOSTINHO, 2001).

A obra de Santo Agostinho foi fundamental para a doutrina da Igreja Católica, sendo registrada em tratados filosóficos, teológicos, comentários, sermões e cartas. Revelou-se de grande influência para várias áreas do conhecimento. Contribuiu para a fixação da hierarquia na Igreja Católica e sintetizou a relação entre a filosofia grega e o pensamento cristão.

O Doutor da Igreja considerava em suas análises a psicologia e o conhecimento da natureza. Mas acreditava que o conhecimento e as ideias eram de origem divina. Suas crenças sobre a relação entre fé e razão e Igreja e Estado destacaram-se na Idade Média. Segundo ele, nada era mais importante do que a fé

e a Bíblia deveria ser estudada de acordo com conhecimentos naturais de cada época. Afirmava, ainda, que a vida de cada ser humano é traçada anteriormente por Deus.

Agostinho foi muito influente também no meio educacional, publicando *De Magistro* ("Do Professor")², que contém muitos de seus pensamentos sobre educação. Em sua obra "Retratamentos" (*Retractationes*)³, escrita em seus anos finais de vida, revisita suas obras mais antigas e melhora alguns textos. Nesta obra fica evidente que o estudioso acreditava que a educação era uma busca interminável pela compreensão, significado e verdade, sempre deixando um espaço para a dúvida, aprimoramento e mudança.

A maioria dos fatos referentes aos anos finais do Bispo de Hipona foram relatados por seu amigo Possídio, o bispo de Calama (moderna Guelma, na Argélia), em sua obra "*Sancti Augustini Vita*". Possídio admirava muito Agostinho por sua intelectualidade e retórica, a qual usava incansavelmente para defender o cristianismo. Possídio revelou também traços pessoais do amigo, demonstrando um homem que não comia muito, trabalhava bastante, não gostava de intrigas, evitava as tentações carnis e era extremamente prudente com a administração financeira de sua sé. (POSSÍDIO, 1997).

Por volta de 430, vândalos de uma tribo germânica invadiram a África romana, cercando Hipona. Agostinho, nessa época, já se encontrava muito doente. Segundo Possídio, um dos poucos milagres que lhe são atribuídos, a cura de um doente, aconteceu durante o cerco.

De acordo com Possídio, ele viveu seus últimos dias em oração e penitência, cercado de salmos pendurados pelas paredes. Antes de sua morte, pediu que a biblioteca da igreja de Hipona e todos os seus livros fossem preservados. Os vândalos acabaram desistindo do cerco. Quando retomaram a cidade, não muito tempo depois, incendiaram a cidade e destruíram quase tudo, exceto pela catedral e a biblioteca do filósofo. (POSSÍDIO, 1997).

Na igreja de *San Pietro in Ciel d'Oro*, em Pávia, ficou o corpo de Santo Agostinho. Em janeiro de 1327, João XII nomeou os agostinianos como guardiões de seu túmulo.

² AGOSTINHO, Santo. *De magistro*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

³ *Retractationes* foi escrita entre os anos 426 e 427.

Santo Agostinho foi canonizado por aclamação pública, e considerado como Doutor da Igreja pelo papa Bonifácio VIII, no ano de 1292. Na Igreja Católica e na Comunhão Anglicana, é venerado como santo, patrono dos agostinianos. Sua festa é celebrada no dia de sua morte, 28 de agosto.

Muitos protestantes, especialmente os calvinistas, apontam-no como um dos "pais teológicos" da Reforma Protestante, devido as doutrinas sobre a salvação e graça divina.

Na Igreja Ortodoxa, algumas de suas doutrinas não são aceitas, mesmo assim é considerado também um santo, sendo comemorado como "Abençoado Santo Agostinho" no dia 15 de junho.

Em sua obra autobiográfica, "*Milestones*"⁴, o papa Bento XVI apontou Agostinho como uma de suas mais importantes influências.

2.2 O CONCEITO DE LIVRE-ARBÍTRIO EM SANTO AGOSTINHO

Seguiremos a reflexão a partir do questionamento: qual a importância do conceito de livre-arbítrio?

Santo Agostinho afirma que o livre-arbítrio provém de Deus, por isso percebe a necessidade de demonstrar a sua existência, como forma de comprovar que o livre-arbítrio é um bem, assim como tudo o que foi criado por Deus. Neste ponto do estudo, torna-se importante ressaltar que existe parte de sua obra de cunho teológico e outra parte de cunho filosófico, mas a discussão deste trabalho será conduzida de forma filosófica apenas.

A expressão livre-arbítrio, aqui utilizada, é usada normalmente para referir-se a liberdade. No entanto, Agostinho estabeleceu certa distinção entre estes dois termos, sendo que: o livre-arbítrio é a possibilidade de escolher entre o bem e o mal; enquanto a liberdade é o bom uso que é feito do livre-arbítrio⁵. Logo, nem sempre o homem é livre quando usufrui de seu livre-arbítrio, depende sempre de como ele faz

⁴ RATZINGER, J. **A Minha Vida**: A Autobiografia do Papa Bento XVI. Editora Livros do Brasil, 2005.

⁵ Este conceito de "liberdade" também é distinto do conceito que os jovens têm, pois para eles a liberdade envolve basicamente o ato de poder escolher entre realizar ou não determinadas ações; poder expressar-se de acordo com suas opiniões; e viver da forma que preferirem.

esse uso. Dessa forma, o livre-arbítrio está mais associado com a vontade, mas esta representa um ato e o outro uma faculdade.

Para o Bispo de Hipona, o pecado original de Adão e Eva foi um ato de orgulho e desobediência a Deus, que os havia ordenado não comer da Árvore do conhecimento do bem e do mal⁶. O egoísmo foi o responsável por eles terem comido o fruto da árvore, tendo como consequência o fracasso em reconhecer e respeitar o mundo da forma como havia sido criado por Deus. Apesar disso, eles deixaram-se levar pelo orgulho e falta de sabedoria porque Satã semeou em seus sentidos "a raiz do mal". Neste momento, a natureza humana foi atingida pela concupiscência (ou libido), o que prejudicou-lhes a inteligência e a vontade, bem como as afeições e desejos, incluindo o sexual. A concupiscência é qualidade ruim do indivíduo, a ausência do bem, ou uma ferida. (AGOSTINHO, 1996).

Agostinho foi maniqueísta por muito tempo, doutrina em que se acreditava que o pecado original era o conhecimento da carne.

Como "*malum*" ("mal"), ele compreendia toda concupiscência, que via como um vício que controla o indivíduo causa a desordem moral⁷.

De acordo com este Santo, o pecado de Adão foi herdado por todos os humanos. Para ele, a humanidade é uma "*massa damnata*" ("massa condenada") que torna frágil a liberdade da vontade.

Anselmo de Cantuária, posteriormente, estabeleceu que o pecado original é "a falta de retidão comum a todos os homens", interpretando a concupiscência como algo que envolve mais do que o desejo sexual. (COSTA, 2010).

Para Costa (2007), "O Livre-Arbítrio" é a principal obra do autor, na qual ele busca encontrar uma causa para o mal e conclui que a origem do mal está no abuso do livre-arbítrio da vontade humana. Costa investiga se o livre-arbítrio não seria um mal para o homem, considerando ser por ele que existe o pecado, se não seria melhor que Deus não o tivesse dado ao homem e se, tendo sido dado por Deus este poder de escolha, não seria esse mesmo Deus o culpado, indiretamente, pelas más ações humanas, assim como questiona Evódio, interlocutor do filósofo no diálogo

⁶ (GÊNESIS, 2:17).

⁷ O mal em Santo Agostinho não é uma substância, nem corpórea nem incorpórea. Como descreve em um trecho das *Confissões*: "Procurei o que era a maldade e não encontrei substância, mas sim uma perversão da vontade desviada da substância suprema". (AGOSTINHO, 1996).

sobre o livre-arbítrio: “Peço-te que me digas, será Deus o autor do mal? ”. (AGOSTINHO, 1995, p. 24).

Agostinho argumenta que Deus não é o autor do mal, pois não poderia surgir outra coisa de sua natureza, que não o bem. O mal é o pecado quando o homem se afasta de Deus.

O livre-arbítrio foi dado ao homem para que este viva retamente, pois, se o homem não possuísse o poder de escolha seu pecado não seria culposo. Assim, o livre-arbítrio foi concedido ao homem com a finalidade de torná-lo correto, sendo que qualquer prêmio ou forma de castigo reflitam sobre o indivíduo como forma de justiça. (COSTA, 2007).

Segundo o Doutor da Igreja, se o homem não tiver a competência de livre escolha, não se pode atribuir-lhe a qualidade de justo. Pois, mesmo que ele exerça a justiça, se não for por livre vontade, não estará agindo virtuosamente, pois age por falta de opção. Da mesma forma, sem a livre vontade, não é possível a condenação de um homem como injusto, pois a ação que o caracterizaria de tal forma, não seria sua responsabilidade, mas produto da falta de opções. Se o indivíduo age injustamente por falta de possibilidades, não pode ser considerado culpado por suas ações. Agostinho diz que:

“[...] se o homem carecesse do livre-arbítrio da vontade, como poderia existir esse bem, que consiste em manifestar a justiça, condenando os pecadores e premiando as boas ações? Visto que a conduta desse homem não seria pecado, nem boa ação, caso não fosse voluntária.” (AGOSTINHO, 1995, p. 75).

De acordo com Costa (2007), por mais que o indivíduo faça uso errado da vontade livre, ela permanece sendo um bem. Deus concedeu esse dom ao homem, que é livre para optar pelo bem. O bem não é imposto por Deus, mas sim possibilitado por Deus. Assim, de acordo com o estudioso, mesmo o indivíduo podendo fazer mau uso da liberdade, a sua vontade livre deve ser vista como um bem, sem o qual ninguém consegue viver retamente. (AGOSTINHO, 1995).

Para Coutinho (2010), Santo Agostinho demonstra que toda natureza é um bem, uma vez que provém de Deus e que o mal é o responsável pela corrupção humana.

Agostinho (1996) afirma que o mal não é um ser, mas a falha e privação de ser. O autor examina o mal em três níveis: metafísico-ontológico, moral e físico. De

acordo com o primeiro nível, não há mal, o que há são graus inferiores de ser, em relação a Deus, esses graus estão ligados a finitude do ser criado e dos diversos níveis dessa finitude. No segundo nível, o mal moral é o pecado, este existe pela nossa má vontade, pelo mau uso da vontade livre, que leva o ser a fazer as escolhas pelos bens inferiores, distanciando-se de Deus. O último nível refere-se ao mal físico, são as doenças, o sofrimento e a morte, que atingem o corpo físico do ser que escolheu o caminho do mal moral, como consequência de suas escolhas.

Para o filósofo, essa vontade livre do ser humano não é um bem absoluto, mas um bem relativo ou médio. Para isso, aponta para uma hierarquia de valores entres os bens dados por Deus ao indivíduo, organizando-os em três grupos: primeiro as virtudes⁸, segundo as quais é possível levar uma vida honesta, estas pertencem à categoria de grandes bens; as diversas espécies de corpos, sem os quais é possível levar uma vida honesta, são consideradas bens mínimos; e, por último, as potências da alma, sem as quais não se pode viver na retidão, são bens considerados médios. Para ele, das virtudes não se pode fazer mau uso, mas dos outros bens sim. (AGOSTINHO, 1995).

O livre-arbítrio é, assim, um bem médio, por estar entre o Bem supremo, que não pode ser modificado e eterno, que é Deus, e os bens que podem ser modificados e corrompidos deste mundo.

Para Jolivet (1936), os seres racionais modificam a ordem do universo, pois a corrupção não é algo natural e aí está presente o mal propriamente.

Ainda segundo Costa (2007), o homem, mesmo sendo pecador, é a mais perfeita das criaturas, criado “à imagem e semelhança de Deus”, como acredita Santo Agostinho. Essa semelhança encontra-se na alma, a parte que pode se deixar pecar no homem. Mas, mesmo tendo pecado em Adão, e ainda pecando nos homens, a alma não deixa de ser “semelhante a Deus”. Assim, é necessário que o homem louve ao seu criador, tanto pela superioridade da alma em relação aos demais seres do universo e ao próprio corpo, que também é um bem, como pelo simples fato de existir. Devemos, então, desaprovar o vício ou o pecado, mas não a natureza pecadora, levando em conta que isso não é possível sem louvar a bondade da natureza criada por Deus. (AGOSTINHO, 1995).

⁸ As virtudes às quais Santo Agostinho se refere são as quatro virtudes cardeais: a justiça, a prudência, a força e a temperança.

A raiz de todo o mal ou pecado está no homem, sabendo que este, de posse da vontade livre, tem o poder de escolher entre fazê-lo ou não, como mostra Agostinho: “Ninguém está forçado a pecar, nem por sua própria natureza, nem pela natureza de outro, logo só vem a pecar por sua própria vontade”. (AGOSTINHO, 1995, p. 203).

Para Agostinho, o homem é o único ser dotado do uso da razão, no entanto, há verdades que podem ser captadas pela razão, mas que são superiores: os números e a sabedoria.

A sabedoria é o único meio verdadeiro para se chegar ao Sumo Bem⁹. Para Santo Agostinho, a sabedoria, como os números, também é imutável, estável e ultrapassa aquilo que é sensível. Alcançar o Sumo Bem é o desejo de todo indivíduo, sendo que tal conquista resulta também no encontro da felicidade¹⁰.

A sabedoria está acima da razão humana e existe por si, o homem apenas a apreende. Agostinho afirma que, para uma pessoa ser virtuosa, o único caminho é o do bem, para o qual também é preciso ser sábio, porque sem a sabedoria não é possível agir corretamente.

Mesmo que os números e a sabedoria sejam verdades únicas e imutáveis, uma não supera a outra. Dessa forma, Agostinho mostra que existe uma Verdade suprema e não passível de dúvida, da qual procedem outras verdades. Essa Verdade é Deus, que criou a vontade livre:

“Eis no que consiste a nossa liberdade: estarmos submetidos a essa verdade. É ela o nosso Deus mesmo, o qual nos liberta da morte, isto é, da condição de pecado. Pois a própria Verdade que se fez homem, conversando com os homens, disse àqueles que nela acreditavam: ‘Se permanecerdes na minha palavra sereis, em verdade, meus discípulos e conhecereis a verdade e a verdade vos libertará’ JO 8,31-32”. (AGOSTINHO, 1995, p. 121).

Santo Agostinho afirma e comprova a existência de Deus:

“Deus, pois, existe! Ele é a realidade verdadeira e suma, acima de tudo. E eu julgo que essa verdade não somente é objeto inabalável de nossa fé, mas que nós chegamos a ela, pela razão, como sendo uma verdade certíssima, ainda que sua visão não nos seja muito profunda, pelo conhecimento.” (AGOSTINHO, 1995, p. 125-126).

⁹ O Sumo Bem é a plenitude de todos os bens; o Ser que origina todos os bens.

¹⁰ A verdadeira felicidade para Agostinho está no Senhor, somente com Ele se pode ter uma vida feliz. (AGOSTINHO, 1996).

Para a Igreja Católica, a doutrina de Agostinho é do livre-arbítrio, pois este afirmou inúmeras vezes que qualquer um pode ser salvo se desejar. Mesmo que Deus saiba quem será salvo ou não, sem possibilidade de mudança, este conhecimento significa o conhecimento perfeito de Deus em relação às escolhas que serão realizadas “livremente” pelos homens em suas vidas.

O Bispo de Hipona escreveu "O Livre-Arbítrio" (*"De libero arbitrio"*) para explicar o motivo pelo qual Deus dá aos homens o livre arbítrio que pode ser utilizado para fazer o mal. Esta obra tornou-se o foco dos estudos de grandes filósofos, como Schopenhauer, Kierkegaard e Nietzsche.

A ética agostiniana é marcada pela explicação de como pode haver o mal no mundo se tudo vem de Deus que é bom. Se, para os gregos, o indivíduo bom é aquele que sabe e tem conhecimento, para Santo Agostinho o indivíduo bom é aquele que ama aquilo que deve amar. (AGOSTINHO, 1995).

No domínio filosófico, o livre-arbítrio se contrapõe ao determinismo, segundo o qual todos os acontecimentos são causados por fatos anteriores e as ações do ser humano são determinadas por leis da natureza ou por outras causas, fazendo com que o indivíduo não seja responsabilizado pelos seus atos. Para a filosofia determinista, as ações do homem não dependem de sua vontade, ocorrem com a força de outras causas, internas ou externas. (MACIEL, 2012).

3 PROPOSTA DE TRABALHO COM O TEXTO “O LIVRE-ARBÍTRIO: A CAUSA DO PECADO - O ABUSO DA VONTADE LIVRE”

3.1 INTRODUZINDO A DISCUSSÃO SOBRE “O LIVRE-ARBÍTRIO”

A proposta de trabalho com o texto “O livre-arbítrio”, de Santo Agostinho, terá início por uma discussão com os jovens do Ensino Médio sobre o conceito de liberdade que têm e como acreditam que esse poder de escolha é capaz de influenciar em suas vidas.

Serão discutidas questões como: se os jovens consideram que têm liberdade em casa, para sair com os amigos e fazerem o que desejarem, se isso é realmente “liberdade”, como acreditam que deve ser. Também é interessante mencionar como é a liberdade de expressão, como outro exemplo. Será que realmente vivemos num país livre e que tipos de questões podem influenciar nessa forma de liberdade.

Oliveira & Umbelino (2013) expõem que, dentre as fases de compreensão de um texto, é fundamental a etapa de análise de sua situação histórica, bem como do autor, sendo que, neste momento, o professor deverá apresentar informações de contextualização histórica da obra ou biográfica, que possam contribuir para o processo de entendimento e contextualização do conteúdo do texto que será estudado.

Desta forma, a proposta para ajudar a introduzir o tema consiste exatamente na exposição dos fatos biográficos de Santo Agostinho. O professor apresentará o autor, com suas características, história e comentários sobre as suas principais obras, já incluindo no contexto biográfico a obra “O livre-arbítrio”.

Após a exposição teórica poderá ser exibido, como forma de demonstrar os fatos expostos, um trecho do filme “Santo Agostinho”¹¹, de 1972, dirigido por Roberto Rossellini. O trecho mostra a eleição do bispo de Hipona, conduzida pelo próprio bispo Valério e que resultou na nomeação do filósofo para o cargo.

Na cena referida, os sacerdotes e bispos, colegas de Agostinho, relatam seus pecados, diante da dúvida do religioso em aceitar o cargo, pois tinha sido pecador

¹¹ O filme está disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=am3et8aV4ec>>. Acesso em 28 abr. 2018. A cena indicada para exibição, contendo a eleição do bispo de Hipona, inicia nos 14min. do filme e encerra nos 19:20seg., do total de 1h54min de gravação.

durante boa parte de sua vida. Os relatos comprovam a bondade do perdão de Deus e como Agostinho os ajudou a chegar a Ele nos momentos difíceis.

É uma cena importante do filme e que poderá ajudar os alunos a entender um pouco mais sobre a vida do autor da obra estudada.

Após este momento de contextualização, a próxima etapa será a leitura do texto clássico, acompanhada do roteiro de leitura, como evidenciado a seguir.

3.2 O CONTATO COM O TEXTO CLÁSSICO

Inicialmente, convém estabelecer uma distinção entre o texto clássico filosófico e o texto clássico literário, pois, segundo Oliveira & Umbelino (2013), a filosofia e a literatura possuem formas diferentes de apropriação do real. Nos textos filosóficos, o autor dirige-se à razão do leitor, não busca a criação estética, estimulando a imaginação, como na literatura, mas sim a verdade e as suas condições de enunciação. Na literatura o autor toma uma posição mais próxima do leitor, enquanto no texto filosófico cabe ao autor certo distanciamento para fins de análise do problema. Os conceitos e a linguagem estabelecidos no texto filosófico conduzem a um debate racional.

Assim, a leitura do texto filosófico retoma a forma como o filósofo problematiza, conceitua e posiciona-se a respeito de determinado tema, oferece ao leitor, simultaneamente, a oportunidade de também pensar sobre o problema. (OLIVEIRA & UMBELINO, 2013).

Os textos clássicos, por poderem ser aplicados a qualquer época, são chamados extemporâneos e de interlocução privilegiada, pela própria extemporaneidade e pelo caráter reflexivo que têm consigo. O uso desses textos se explica pela relação entre a filosofia e as outras ciências, como a metafísica e a própria história.

Segundo Oliveira & Umbelino (2013), a leitura reconstrói as ideias do texto, ao mesmo tempo em que constrói um sentido do que se lê. Considerando que o texto filosófico possui especificidades que o tornam único, a leitura deste texto irá construir aos poucos o seu sentido filosófico, identificando o problema, o questionamento e a problemática essencial exposta.

Um envolvimento pessoal do leitor com o problema poderá tornar o texto mais atraente, por isso a importância da escolha do tema a ser trabalhado na aula de Filosofia, para que este possa ser associado às questões cotidianas do estudante, tornando-se, assim, mais interessante aos seus olhos. Uma vez envolvido, esse jovem reagirá filosoficamente ao desafio intelectual que o texto lhe traz, tomando o problema para si, mas exercendo uma distância crítica, necessária e que facilita a tomada de posição a respeito do conteúdo apresentado.

No caso do texto objeto deste trabalho, "O livre-arbítrio", de Santo Agostinho, a associação de tema liberdade de escolha com as opções realizadas na vida dos jovens, pode trazê-los mais proximidade com o tema, tornando o estudo mais interessante para estes jovens.

De acordo com Valery (2006), apresentar um texto clássico para um adolescente de ensino médio acostumado aos novos códigos de comunicação instituídos pelas novas tecnologias informática e midiática não é uma tarefa simples.

A leitura de um texto clássico, seja literário ou filosófico, sempre proporcionará o enriquecimento do vocabulário e cultural, contribuindo para que o estudante possa aprimorar suas habilidades linguísticas, de raciocínio, interpretação e compreensão textual.

Schlesener (2013) complementa esta ideia afirmando que explicar o conteúdo de um tempo remoto representa tanto atualizar o discurso quanto reinterpretar o passado para buscar seus sinais no presente. Assim, a interação com o texto se aprofundará a cada leitura.

Para Severino (2009), a leitura dos textos filosóficos traz a necessidade de um contato maior com a tradição cultural da disciplina de Filosofia, seja pelas fontes, frequentemente consultadas, ou pelo próprio diálogo com os filósofos clássicos e contemporâneos. A principal fonte para a consulta filosófica são os textos clássicos, as fontes primárias, que servem para compartilhar ideias, análises e reflexões.

Às vezes é necessário ler um filósofo para compreender outro, pois alguns textos são mais complexos e, quando um comenta ou estuda o pensamento de outro, enriquece a cultura filosófica. Tais fontes secundárias são importantes, por serem mediações com os pensamentos originais e serem fruto de um processo coletivo. (SEVERINO, 2009).

No caso do texto "O livre-arbítrio", de Santo Agostinho, trata-se de um texto clássico original, sendo, portanto, uma fonte primária. Os autores que serviram de

base para este estudo, ao analisar o texto do religioso, são, então, fontes secundárias.

De posse da fonte primária e das secundárias, é preciso destacar a importância da leitura do texto original, considerando ainda que a parte da obra selecionada para este estudo, “A causa do pecado - O abuso da vontade livre”, apresenta linguagem acessível e o autor trata o tema de forma bastante simples, sem que isso torne a obra menos relevante e analítica.

De qualquer forma, para facilitar a leitura, um roteiro de leitura foi preparado, com o intuito de melhorar a compreensão do texto por parte dos alunos. Sendo textos clássicos de maior ou menor complexidade de linguagem, os roteiros de leitura são sempre proveitosos para ampliar a entendimento textual do leitor.

3.3 O ROTEIRO DE LEITURA

Segundo Oliveira & Umbelino (2013), uma leitura atenta do texto proposto deve acontecer em fases, de forma que a orientação por meio de perguntas não permitirá que este leitor perca o “fio condutor do pensamento” ou a forma como se estrutura a argumentação na obra.

Por isso um roteiro de leitura foi elaborado, a fim de melhorar a compreensão do texto sobre o livre-arbítrio. São perguntas simples que, à medida que o aluno for respondendo, estará lendo o texto, observando os pontos indicados e já realizando as anotações, que serão suas respostas. Elas facilitaram o entendimento dos pontos principais do texto e contribuirão para a discussão posterior sobre o tema abordado.

Assim, o roteiro consiste em examinar na parte “A causa do pecado - O abuso da vontade livre”:

1. Qual é o questionamento inicial de Ag (Agostinho)?
2. Para Ag, qual é o princípio que permite ao homem exercer seu poder sobre os animais?
3. Segundo Ag, todo ser vivo sabe que vive? E por não saber, deixa de estar nesta condição? Por quê?
4. O que permite ao homem saber que está vivo?

5. Para Ag, a ciência, sendo adquirida pela razão e pela inteligência, pode ser considerada como mal?
6. Quais características são exclusivas ao homem e quais são comuns aos homens e animais?
7. O homem, com suas paixões, sem o uso da razão, pode considerar-se superior aos animais?
8. O que caracteriza o “homem sábio”?
9. O que caracteriza o “homem insensato”?
10. “Mente” e “razão” são a mesma coisa?
11. Como é chamado o homem que possui a mente, mas não faz uso da razão?
12. Seria a “paixão” mais poderosa do que a “mente”?
13. Qual é mais forte: uma “alma viciada” ou outra “munida de virtudes”?
14. De acordo com Ag, a existência de um Ser Supremo pressupõe que este Ser forçaria a mente humana a submeter-se às paixões?
15. Qual seria então o responsável pela submissão às paixões?
16. Quais seriam as “penas” que suportam “aqueles que não aderem à verdadeira sabedoria”?

Com este roteiro, é possível compreender exatamente como se estrutura o texto estudado. As respostas contribuirão para conduzir a discussão que se seguirá.

3.4 O USO DE TEXTOS AUXILIARES

O uso de textos auxiliares servirá para auxiliar na discussão sobre o livre-arbítrio. Após a leitura do texto clássico, conduzida pelo roteiro de leitura, os textos sugeridos a seguir ajudarão os estudantes a direcionar a discussão posterior.

Os textos escolhidos são músicas e tiveram sua escolha baseada no gosto dos jovens nessa faixa-etária, pois trazem letras que já fazem parte do cotidiano dos alunos e despertam interesse da maioria. Esse interesse pelo tema, despertado por meio da música, ajudará na inserção dos estudantes na discussão.

O primeiro texto é a música “Admirável Chip Novo” ¹², da cantora Pitty, composição da própria artista.

Admirável chip novo

Pitty

Pane no sistema, alguém me desconfigurou
Aonde estão meus olhos de robô?
Eu não sabia, eu não tinha percebido
Eu sempre achei que era vivo

Parafuso e fluido em lugar de articulação
Até achava que aqui batia um coração
Nada é orgânico, é tudo programado
E eu achando que tinha me libertado

Mas lá vêm eles novamente, eu sei o que vão fazer
Reinstalar o sistema

Pense, fale, compre, beba
Leia, vote, não se esqueça
Use, seja, ouça, diga
Tenha, more, gaste, viva

Pense, fale, compre, beba
Leia, vote, não se esqueça
Use, seja, ouça, diga

Não, senhor, sim, senhor
Não, senhor, sim, senhor

Pane no sistema, alguém me desconfigurou
Aonde estão meus olhos de robô?
Eu não sabia, eu não tinha percebido
Eu sempre achei que era vivo

Parafuso e fluido em lugar de articulação
Até achava que aqui batia um coração
Nada é orgânico, é tudo programado
E eu achando que tinha me libertado

Mas lá vêm eles novamente, eu sei o que vão fazer
Reinstalar o sistema

Pense, fale, compre, beba
Leia, vote, não se esqueça
Use, seja, ouça, diga
Tenha, more, gaste, viva

Pense, fale, compre, beba
Leia, vote, não se esqueça
Use, seja, ouça, diga

Não, senhor, sim, senhor
Não, senhor, sim, senhor

¹² Letra disponível em: < <https://www.letras.mus.br/pitty/admiravel-chip-novo/>>. Acesso em 28 abr. 2018.

Mas lá vem eles novamente, eu sei o que vão fazer
Reinstalar o sistema

A letra traz a associação entre a possibilidade de escolha e a influência das mídias. O capitalismo, a própria política e a forma como as informações são manipuladas pelos meios de comunicação social nos fazem questionar o que de fato se pode “escolher” e o que se manipula para induzir as pessoas a isso.

A própria forma de pensar do indivíduo é manipulada para que ele acredite que precisa de algo que, na realidade, não precisa, uma roupa nova, um carro novo ou uma casa num bairro “melhor”, a busca pela melhoria no status social. São os bens materiais e os prazeres mundanos que servem como tentações ao caminho do mal, o caminho que não leva a Deus, de acordo com Santo Agostinho.

Toda essa manipulação interfere diretamente no que é de fato o livre-arbítrio, a possibilidade de escolher de acordo com a razão de cada um. Nessas circunstâncias a falta de conhecimento crítico faz o indivíduo acreditar que está fazendo a melhor escolha.

O segundo texto é a música “Bem ou mal”¹³, do grupo Nx Zero, composta por Di Ferrero, Túlio Dek e Gee Rocha.

Bem ou mal

Nx Zero

O começo e o fim
Podem ser iguais,
Depende de quem vai achar uma resposta
A inveja que mata
Não me afeta mais
Pois o que conquistei
Tem o direito de ser meu

Entre o bem e o mal
E a escolha certa
Pouco tempo pode ser demais
Pra quem sabe o que quer
Pra quem respeita a vida e a si mesmo
O tempo muda sempre cada vez mais
E dentro de você
Existe o bem e o mal e a escolha certa

A vida é curta demais
Pra sempre reclamar
E não correr atrás

¹³ A letra está disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/nxzero/bem-ou-mal.html>>. Acesso em 28 abr. 2018.

Dos sonhos que almeja
 O que você me diz
 Não me afeta mais
 Pois o que conquistei
 Tem o direito de ser meu

Entre o bem e o mal
 A escolha certa
 Pouco tempo pode ser demais
 Pra quem sabe o que quer
 Pra quem respeita a vida e a si mesmo
 O tempo muda sempre cada vez mais
 E dentro de você
 Existe o bem e o mal e a escolha certa

Então faça a sua escolha logo e se decida,
 Vai querer o mal ou bem pra sua vida?
 O Tempo é muito curto, não pode demorar
 Escolha qual caminho você vai querer trilhar
 Tudo nessa vida é merecimento
 O que a brisa leva, volta com o vento
 Se não se decidiu, então corra atrás
 Entre o bem e o mal, eu fico com a paz.

E pouco tempo pode ser demais
 Pra quem sabe o que quer
 Pra quem respeita a vida e a si mesmo
 O tempo muda sempre cada vez mais
 E dentro de você
 Existe o bem e o mal e a escolha certa

Este segundo texto reforça a ideia da importância da “escolha certa” na vida do jovem, a escolha entre os caminhos do bem e do mal. Trata também da importância do respeito “à vida e a si mesmo” e de não dar ouvidos às opiniões negativas daqueles que têm sentimentos ruins em relação ao outro. A “paz” a que se refere a letra representa o caminho de Deus, referido por Santo Agostinho.

Espera-se que ambos os textos auxiliares sirvam para o propósito de contribuir para enriquecer a discussão que se seguirá. O fato das canções pertencerem à realidade dos jovens, como já mencionado, contribui para despertar ainda mais o interesse pela discussão e tornar-lhes o tema mais atraente.

3.5 A REFLEXÃO SOBRE A LIBERDADE DE ESCOLHA E SUAS CONSEQUÊNCIAS PARA A SOCIEDADE

Para Oliveira & Umbelino (2013), após as fases de contextualização do texto lido e leitura guiada pelas perguntas, aqui elaboradas em forma de roteiro de leitura,

cabe uma análise crítica do texto. Nesta etapa, o aluno se posicionará criticamente em relação ao tema tratado pelo autor e aos seus argumentos. O estudante poderá comentar as conclusões que foi parcialmente extraindo da análise do texto; debater ou problematizar de maneira pessoal os problemas do texto; tomar um posicionamento pessoal sobre as ideias do texto e até mesmo sobre a sua estrutura.

Segundo Severino (2009), essa fase de defender um posicionamento com base no texto lido é “extremamente delicada”, pois exige que o leitor seja maduro intelectualmente, de forma que tenha se aprofundado no texto e disponha de diversos recursos teóricos para seu estudo. O leitor se tornará crítico à medida que começar a pensar por conta própria.

A reflexão proposta, inicialmente deverá demonstrar que, para Agostinho (1995), o homem, como ser racional, ciente de seu encontro com Deus ao final da vida, precisaria dedicar todos os seus dias para essa finalidade. Mas, não é o que acontece com o indivíduo cercado de bens materiais e tentações do mal. O homem deveria usufruir dos bens temporais já pensando nos bens eternos.

Estando a alma vislumbrada com os objetos materiais, caberá a vontade racional a escolha entre os caminhos do bem e do mal. Conforme esta escolha, o que acontecerá em seguida poderá ser o infortúnio ou a felicidade, conforme as consequências da escolha de Adão e Eva no paraíso.

Esta escolha entre o caminho do bem e do mal está presente na vida de todos nós, diariamente somos conduzidos a realizar escolhas, sejam elas de pequena ou grande importância. Mas, mais importante do que a grandiosidade de uma escolha, é o que poderá se seguir como consequência.

Na vida dos jovens não é diferente, a escolha também é presente diariamente, seja na opção por uma companhia, por ir ou não a uma festa, por ingerir ou não bebidas alcoólicas, por ouvir ou não o que dizem os pais. A escolha está presente também na decisão de qual profissão seguir na vida, se essa opção será movida pelo interesse em servir os outros e contribuir de alguma forma para a sociedade ou simplesmente para ganhar dinheiro e acumular bens materiais. Supondo que este jovem já possui uma situação monetária confortável, cabe-lhe, por exemplo, a decisão do que fazer com o seu dinheiro, se este lhe é suficiente e se trabalhará para manter este patrimônio ou apenas o consumirá enquanto houver.

Dentre estas muitas escolhas movidas pelo livre-arbítrio, a que o professor guiará a reflexão e discussão dos alunos, cabe uma bastante importante, talvez a mais importante delas: acreditar ou não na existência de Deus.

Sobre este tema e também com trechos sobre o livre-arbítrio, o professor poderá exhibir algumas partes do filme “Deus não está morto”¹⁴, no qual um estudante não concorda com a opinião do professor a respeito da não existência de Deus e será desafiado a comprovar, por meio do discurso, que o contrário é verdade. O jovem explica que o livre-arbítrio nos conduz a escolher, inclusive sobre acreditar ou não na existência divina.

O objetivo da exibição dos trechos do filme não é abrir a discussão sobre a crença ou não dos alunos em Deus e se ele existe de fato ou não, mas justamente centra-se na possibilidade de escolher entre acreditar ou não e no que, de acordo com Santo Agostinho, seria a consequência para aquele que escolhe cada um dos caminhos. Também é importante ressaltar que a proposta da atividade não é buscar a conversão dos alunos, pois a discussão proposta tem valor independente da fé dos jovens e do professor.

Outro exemplo claro da importância desta escolha e de suas consequências que poderá ser levantado é a destruição da natureza pelo ser humano, como o consumo dos bens naturais, principalmente os não-renováveis, têm refletido em nossa realidade. Apontar para consequências como o excesso de chuvas ou secas, a poluição das cidades, o aquecimento global e outras, que podem servir para evidenciar como o resultado da escolha de alguns pode influenciar na vida das gerações futuras.

Espera-se que o jovem, após a discussão e suas reflexões individuais, seja capaz de propor formas de intervenções sociais positivas e que passe a agir de forma consciente e ativa em relação aos problemas da sociedade. Pois, ao apresentar um texto filosófico para o estudante, objetiva-se fazer com que ele seja capaz de justificar suas opiniões, justificar a tese e as consequências dessa visão de mundo. Fica claro na filosofia esse espírito de análise, crítico e reflexivo, ampliando no jovem um trato mais responsável com as questões do mundo.

¹⁴ Os trechos podem ser encontrados em: <<https://www.youtube.com/watch?v=vWap91hhAwU>>. Acesso em 28 abr. 2018. O filme foi lançado em 2014, tendo a direção de Harold Cronk e roteiro de Chuck Konzelman e Cary Solomon.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do texto “O livre-arbítrio”, de Santo Agostinho propôs-se neste estudo uma análise crítica e reflexiva, devidamente orientada e apoiada pelo professor da disciplina de Filosofia do Ensino Médio. Esta análise, além do enriquecimento linguístico e cultural, poderá trazer ao estudante embasamento para justificar suas escolhas pessoais, a partir do conhecimento e partilha das ideias de Santo Agostinho.

Com a leitura deste texto, buscou-se explicar os conceitos de “bem” e “mal”, para Agostinho, bem como a natureza do “livre-arbítrio”, dom de Deus concedido ao homem para que escolha seguir o caminho do bem durante sua vida.

A reflexão sobre a possibilidade de escolha na vida dos jovens busca trazer a tona outras questões importantes, como a escolha por uma vida consumista, sem respeito à natureza e às questões ambientais ou por uma vida com participação ativa na sociedade, nas questões políticas, ambientais e sociais.

A reflexão sobre as influências midiáticas também foi suscitada, a forma de “liberdade” que acreditamos ter e como ela afeta o livre-arbítrio.

O livre-arbítrio, conforme discutido aqui, traz mais do que só a possibilidade de escolher entre coisas ou ações, mas a opção de escolher entre crer ou não, entre crer ou não na existência de Deus, que é a razão da nossa própria existência e de desejarmos seguir o caminho do bem, como expõe o Bispo de Hipona.

A intenção da discussão não é impor a ideia da existência divina ou converter os alunos, pois a discussão proposta tem valor independente da fé dos jovens e do professor, mas demonstrar as ideias de Agostinho acerca do livre-arbítrio e da possibilidade de escolha que cada indivíduo possui. Outros filósofos com ideias diferentes poderão ser estudados na sequência, de forma que os próprios alunos podem interessar-se pela pesquisa de outras fontes filosóficas acerca do tema.

Ao final deste estudo, aplicada esta aula - talvez mais de uma, pela extensão da programação -, o jovem deverá estar mais consciente sobre a sua própria capacidade de escolha e a forma como cada uma delas terá consequências futuras em sua vida, algumas delas inclusive para as gerações que se seguirão.

Espera-se, com este estudo, que a sugestão de trabalho em sala de aula possa ser colocada em prática por professores de Filosofia atuantes no Ensino

Médio ou possa servir de base para trabalhos futuros com o uso de textos clássicos na escola, como o de Santo Agostinho.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, S. **A cidade de Deus**: (contra os pagãos). Tomo II. Tradução de Oscar Paes Leme. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

_____. **Confissões**. In: Col. *Os Pensadores*. Volume Santo Agostinho. Editora Abril Cultural, São Paulo. Terceira Edição, 1996.

_____. **O livre-arbítrio**. Tradução, organização, introdução e notas Nair de Assis Oliveira, revisão Honório Dalbosco - São Paulo : Paulus, 1995.- (Patrística).

CEPPAS, F. **Para a realização de TCC em Filosofia**. In: Marcelo, C., Gabriele, C. (Orgs.). *Ensinar filosofia* : Vol. 2. MT: Central de Texto, Cuiabá, 2013.

COSTA, L. R. **Sobre a verdade em Anselmo de Cantuária**. São Paulo, USP, 2010. Traduzido de ANSELMUS, *Opera omnia*. Ed. F. S. Schmitt. Stuttgart, Frommann, 1984 (ed. de 1946-1961 em 2 vols.), vol. 1.

COSTA, M. R. N. **O livre-arbítrio, segundo Santo Agostinho**: um bem ou um mal? Departamento de Filosofia. Universidade Católica de Pernambuco. *Ágora Filosófica*: Ano 7, n. 1, jan./jun. 2007.

COUTINHO, G. N. **O Livre-arbítrio e o Problema do Mal em Santo Agostinho**. *Argumentos*: Ano 2, N°. 3, 2010

GONTIJO, P. **Didática para além da Didática**. In: Marcelo, C., Gabriele, C. (Orgs.). *Ensinar filosofia* : Vol. 2. MT: Central de Texto, Cuiabá, 2013.

JOLIVET, Régis. **Le problème du mal d'après Saint Augustin**. Paris: Gabriel Beauchesne et Ses Fils Éditeurs, 1936.

MACIEL, W. **Substantivismo, Determinismo e o debate acerca do Estatuto Ontológico do espaço-tempo**. *Principia* (UFSC), v. 11, p. 427-436, 2012.

OLIVEIRA, M. L. A. P. P., UMBELINO, L. A. F. C. **A Centralidade do Texto no Ensino e Aprendizagem da Filosofia no Ensino Secundário**: Sobre a Questão da Leitura Integral do Texto Filosófico. Dissertação de Mestrado Em Ensino de Filosofia no Ensino Secundário, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. 2013.

POSSÍDIO. **Vida de Santo Agostinho**. 1ª edição, PAULUS Editora, 1997.

SCHLESENER, A. H. **Ensinar Filosofia ou instigar a pensar?** O desafio kantiano na realidade do Ensino Médio. R. NESEF Fil. Ens., Curitiba, v.3, n.3, p.6-15, Jun/Jul./Ago./Set. 2013.

SEVERINO, A. J. **Como ler um texto de filosofia.** 2ª edição, PAULUS Editora, 2009.

SILVEIRA, R. T. **Teses sobre o ensino de Filosofia no ensino médio.** In. Silveira, R., Goto, R. (Orgs.) *A filosofia no ensino médio – temas, problemas e propostas.* Col. Filosofar é Preciso, São Paulo: Ed. Loyola, 2007.

VALÉRY, P. **Introdução ao método de Leonardo da Vinci.** São Paulo: Editora 34, 2006.